

**T**ODOS ESTARÃO LEMBRADOS DA FIGURA DE FOGO E PAIXÃO QUE É A CIGANA CARMEN, A HEROÍNA DA ÓPERA DE BIZET. MENOS LEMBRADOS, TALVEZ, DA NOVELA INSPIRADORA DA ÓPERA, *CARMEN*, DE PROSPER MÉRIMÉE. NA NOVELA, ESTÁ ENFATIZADO O LADO FEITICEIRO DA CIGANA, SABEDORA DE MAGIAS QUE DESPERTAM O AMOR. A D. JOSÉ, QUE A LEVA PRESA DEPOIS DE UMA BRIGA DE MULHERES NA MANUFATURA DOS TABACOS DE SEVILHA, CARMEN PROMETE, EM TROCA DA LIBERDADE, "UM PEDAÇO DA *BAR LACHI*, PEDRA DE IMÃ QUE LHE PERMITIRIA EXECUTAR SORTI-



MARLYSE MEYER

# FEITIÇOS DO AMOR



**MARLYSE MEYER**  
é professora  
aposentada da  
FFCH-USP.  
É especialista  
na aproximação  
de cultura de elite  
e cultura popular.

*Esta ilustração  
e as seguintes  
fazem parte  
do livro Maria  
Padilha e Toda  
a sua Quadrilha,  
de Marlyse Meyer  
publicado pela  
Editora Duas  
Cidades*

légios garantindo o amor de todas as mulheres”. O mesmo D. José surpreende Carmen executando magias, mexendo pedaços de chumbo num alguidar cheio d’água, cantando “canções mágicas que invocavam Maria Padilla, que fora, diziam, a *Bari Crallisa*, a grande rainha dos ciganos”. Vamos reencontrar Carmen e Maria de Padilla, ou Maria Padilha, no decorrer deste texto que trata de uma representação feminina.

Uma representação da mulher que se instala em finais da Idade Média, solidamente assentada nas Sagradas Escrituras, prolonga-se pelo Renascimento e vem até o século XVIII, nascida da misoginia e de um medo não isento de assustado fascínio, o medo dos homens da Igreja, dos homens da toga, do poder leigo, gentes das classes elevadas, associados esses medos a antigas representações populares.

Vou falar de feiticeiras. Não daquelas bruxas velhas, estereótipo igualmente engendrado pelos homens, mas de feiticeiras talvez mais perigosas, belas, jovens, a cujos sortilégios, filtros e invocações diabólicas, de natureza “amatória”, se acresce o feitiço imanente de sua própria e execrada sedução, diabolizadas figuras da transgressão.

A elas cheguei pela mediação de um nome. Não um qualquer nome que poderia ser um outro qualquer, como diz Shakespeare, para nomear o eterno perfume da rosa, mas um nome único, um nome próprio, intransferível portanto. Mas, emboscado nas fímbrias de imaginários moveidões, varando o tempo e as fronteiras, como que consubstancial ao que nomeia, vem esse nome se repetindo. Uma permanência, como haveria de descobrir, feita de metamorfoses, desvios, migrações e transmigrações, desde o tempo – um tempo que não é o da fábula, mas está inscrito na História – em que por esse nome atendia na Espanha do século XIV uma linda mulher de carne e osso e de atributos muito especiais. O que a fez entrar na lenda, melhor dizendo, a atirou nos abismos infernais. Nome que no Brasil nomeia hoje, já não uma mulher concre-

ta, mas sim uma entidade sobrenatural, que, num ritual de possessão, apodera-se de um corpo, feminino ou masculino, mimetizando o que parece ter sido a essência de seu longínquo homônimo europeu. O nome é Maria Padilha.

A partir de moventes indícios e sinais, para retomar termos de Carlo Ginzburg, tentei reconstituir trajetórias e metamorfoses desse nome, detetivesca busca das passagens e dos elos perdidos num quadro de verossimilhanças possíveis, que permitiriam relacionar essas figuras transgressoras de que se vai tratar aqui (1).

Resumindo meus encontros com esse nome.

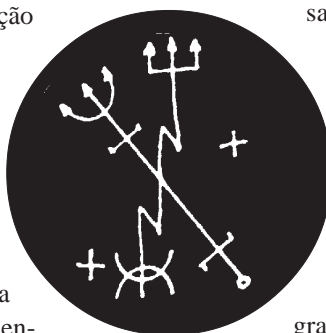
Primeiro encontro, deflagrador da pesquisa: Maria Padilha figura entre outras invocações demoníacas num conjuro destinado a favorecer amores, pronunciado por uma feiticeira portuguesa degredada em Recife, Pernambuco, após passagem por Angola, em 1718. Uma Antonia Maria de Beja, cujas vicissitudes foram estudadas e descritas pela historiadora Laura de Mello e Souza a partir dos autos da Inquisição.

Antonia Maria é feiticeira que não hesita em utilizar em benefício próprio suas encantações (seduziu um seu vizinho), as quais teriam reforçado sua figura graciosa, “de pequena estatura, alva de rosto, olhos pretos e fermosos”, como rezam os autos.

Um exemplo de oração. Sentada no portal de sua casa, dizia Antonia Maria: “neste portal me venho assentar... vá Barrabás, vá Satanás, vá Lucifer, vá Maria Padilha com toda a sua quadrilha, e todos se queiram juntar e de qualquer forma em casa de fulano entrar, e o não deixem comer, dormir, nem repousar, sem que pela minha porta adentro venha entrar [...]”.

Ou este outro conjuro, inserido numa série de operações mágicas praticadas por Antonia Maria:

“O céu vejo, estrelas acho, Senhora Santana que farei que ainda hoje não vi a fulano e fulano [...] Senhora Santana, talvez ocorra lembrar que Santana era a grande padroeira dos [ciganos], assim como o mar mareja, o céu estreleja e o vento venteja, e os peixes não



podem entrar no mar sem água, nem o corpo sem alma, assim fulano e fulana não possam estar sem o perdão virem a dar'. Antonia metia a boca na tigela, batia no chão com três varas de marmeleiro, invocava 'Barrabás, Satanás, Caifás, Maria Padilha com toda a sua quadri-lha, Maria da Calha com toda a sua canalha, cavalo-marinho que com pressa os traga pelo caminho'. Jogava num fervedouro pedra d'ara, buço de lobo, alfazema, sangue de leão, barbasco [...]'".

Segundo encontro: no *Romancero General de España*, organizado por A. Duran, na seção dos "romances relativos a la historia de España", 14 romances tratam da vida de Pedro I, o Cruel de Castela (1334-69) e de sua amante, a bela Doña Maria de Padilla.

O *Romancero* (cujas grandes linhas são confirmadas por manuais de História da Espanha) apresenta duas visões dos personagens. Uma, em que D. Pedro é chamado *O Justiceiro*, favorável ao casal e a Doña Maria de Padilla, cuja lembrança aliás é até hoje conservada em Sevilha, em nome de ruas, na catedral em cuja cripta está enterrada ao lado do rei, no real Alcazar onde se mostram seus aposentos, o pátio das "muñecas" onde brincavam as filhas que tivera com D. Pedro, e os "baños de Doña Maria de Padilla". Séculos depois de sua morte o poeta Quevedo ainda lembraria que: "Era hermosa la Padilla/Manos blancas y ojos negros". E outra versão, negativa, a mais difundida, obra dos inimigos de D. Pedro, dos homens de igreja, oficializada e difundida a partir da *Crônica del Rey Don Pedro* do cronista Pedro Lopez de Ayala, contemporâneo do rei, escrita em fins do século XIV. Esta versão insiste sobre a crueldade do rei, e atribui a Maria de Padilla a instigação aos crimes que lhe valeram a alcunha, entre eles a de ter mandado matar sua legítima esposa, Doña Blanca de Borbon, a qual "nem conhecerá", após tê-la mantida anos encarcerada. Escutemos o lamento de Doña Blanca:

*"contando su historia amarga:  
A una dueña se la cuenta  
Que en la prision la acompaña.  
- De Borbon, dice, soy hija;  
De Carlos, Delfin, cuñada,*

*Y el Rey de la flor de lis  
Pone en su escudo mis armas.  
De Francia vine á Castilla,  
¡Nunca dejara yo á Francia!  
[...]  
Hija soy de la desgracia.  
Caséme en Valladolid  
Con Don Pedro, Rey de España;  
El semblante tiene hermoso,  
Los hechos de tigre hircana.  
Dióme el si, no el corazón,  
¡Alevosa es su palabra!  
¡ Rey que la palabra miente!  
¿ Que mal habrá que no haga?  
Posesion tomé en la mano.  
Mas no la tomé en el alma,  
Porque se la dió primero  
A otra mas dichosa dama;  
A una tal Doña Maria  
Que de Padilla se llama,  
Y deja su mesma esposa  
Por una manceba falsa  
[...]  
Caséme en un dia aciago,  
Martes fué por la mañana,  
Y el miércoles enviudaron  
El tálamo y la esperanza.  
Dile una cinta á Don Pedro  
De mil diamantes sembrada,  
Pensando enlazar con ella  
Lo que amor bastardo enlaza:  
Húbola Doña Maria,  
Que cuando pretende alcanza;  
Entregola a un hechicero  
De la hebrea sangre ingrata;  
Hizo parecer culebras  
Las que eran prendas del alma.  
Y en este punto acabaron  
La fortuna y mi esperanza".*

Os dotes de feiticeira atribuídos à "mala mujer", "manceba falsa", figuram uma imagem que correspondia à misoginia de que o *Malleus Maleficarum* (circa 1486), celeberrimo manual de caça às bruxas, e vários outros textos eclesiásticos dão boa demonstração. Misoginia que abomina a sedução feminina, e que deve sem a menor dúvida estar na origem da lenta metamorfose da figura da bela Maria de Padilla em invocação demoníaca (2).

1 Ver Marlyse Meyer, *Maria Padilha e toda a sua Quadri-lha: de Amante de um Rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda*, São Paulo, Duas Cidades, 1993.

2 Idem, *ibidem*, pp. 44-50.

Como se teriam dado as passagens?

Como, da Espanha, o conjuro chegou a Portugal, para depois atravessar os mares com as Antonias Marias e se fixar nas memórias até desembocar no uso atual numa religião inventada no Brasil, que mistura elementos dos rituais indígenas, africanos e do espiritismo do francês Allan Kardec, era o problema a tentar resolver.

Já evoquei a pista francesa que me levou à Espanha, melhor dizendo à Andaluzia e aos ciganos: a *Carmen* de Mérimée e seus sortilégios. Confirmou-se, graças a um livro recente da historiadora Maria Elena Ortega (3), que também trabalhou com autos da Inquisição espanhola, a presença do conjuro de Maria Padilha, para efeitos “amatórios” tanto entre feiticeiras ciganas como feiticeiras “*crístianas viejas*” de Espanha: “*Por Barrabás, por Satanás y Lucifer/ Por doña Maria de Padilla/ Y toda su cuadrilla*”, invoca a feiticeira Geronima Gonzales, “*crístiana vieja*”. E a mesma, no “*conjuro de las cazoletas*”: “*Por Barrabás, por Satanás y por Lucifer/ Por doña Maria de Padilla/ Y toda su compañía*”.

Outra feiticeira “*crístiana vieja*”, Laura Garrigues, num ritual em que manda a mulher abandonada à janela fazer um pedido “às forças benevolentes do exterior” (será o diabo o *gran señor de la calle*?), pronuncia:

*“Vecino y compadre  
Gran Señor de la calle  
Solía venir a casa  
Y ahora no viene  
Yo quiero que vengas  
Si me lo has de traer  
Yo te conjuraré  
Con tres almas de mocicos enamorados  
Con tres almas de desesperados  
Con el alma de doña Maria de Padilla  
Y toda su cuadrilla [...]”*

E haveremos de encontrar as mesmas invocações na boca das feiticeiras ciganas condenadas pela Inquisição cujos processos Ortega examinou. Por exemplo, Adriana, “*gitana celestina*”, de grande reputação: “*Así como esto yerbe, yerbe el corazón de Blas, en el nombre de Satanás y de Barrabás y del*

*Diablo Cojuelo [...] y de Doña Maria de Padilla y toda su cuadrilla*”.

O nomadismo das feiticeiras ciganas, cruzando suas irmãs de “profissão”, mais a circulação oral dos conjuros numa constante repetição dos mesmos problemas amorosos que não necessitavam a renovação do fundo “*hechiceril*” explicariam em parte a transmissão de mesmos nomes e orações a Portugal. Deve-se acrescentar que, dentro desse processo de “circulação dos seres e das coisas pela Europa de então”, as ciganas podem ter conhecido feiticeiros africanos, uma vez que era grande em Sevilha o número de negros, escravos ou forros, originários da Guiné, comercializados por Lisboa desde fins do século XIV, para trabalharem nas culturas de açúcar andaluzas. Negros esses dos quais muitos já nascidos em Sevilha, forros muitos deles, confundindo-se com a arraia miúda dos empregos subalternos. Eram cristianizados, tendo criado a confraria de Nossa Senhora de los Angeles no bairro de Triana onde coabitavam com mouros e ciganos congregados em torno de sua padroeira Santa Ana que também tinha sua igreja em Triana. Cristãos, embora, se tinham conservado o uso das danças de seu país de origem, para gáudio dos sevilhanos (4), provavelmente não teriam esquecido seus dotes mágicos. Essas trocas todas certamente aumentadas depois da anexação de Portugal à Espanha (1580-1640). Da Espanha a Portugal, e daí, pelas punições da Inquisição, passando por Angola, ao Brasil. Aí também aportaram muito cedo, despachados igualmente pelo Santo Ofício, os ciganos portugueses. Por que misteriosos processos se foi perpetuando a memória dos feitios e do nome que os encarnavam, é difícil responder.

O fato é que vamos encontrar o nome de Maria Padilha associado ao Exu dos terreiros dos cultos afro-brasileiros, aquele espaço dinamizado por uma força, o “axé”, onde se cultuam os orixás que ali “baixam” e se apoderam da cabeça de seus “filhos”, os quais dançam para eles. Os orixás são divindades que representam uma força natural cósmica, individualizados conforme sua relação com os diferentes aspectos da natureza, e se reen-

3 Maria Elena Sánchez Ortega, *La Inquisición y los Gitanos*, Madrid, Taurus, 1988.

4 Carmen Bernand e Serge Gruzinski, *Histoire du Nouveau Monde, 1. De la Découverte à la Conquête*, Paris, Fayard, 1991, pp. 111-2; 184-5.

contram simbolicamente no espírito do ser humano. Este é composto por um orixá principal, dono de sua cabeça, um segundo orixá e outros ainda, cuja presença é indicada pelo jogo das adivinhações, os búzios. O conjunto dos orixás estrutura a pessoa do filho-de-santo. Nesse conjunto figura sempre obrigatoriamente Exu. Exu é entidade ambígua, uno e múltiplo, pois, além de ser o orixá mensageiro geral entre os homens e as divindades, entre os vivos e os mortos, guardião da porta da rua e das encruzilhadas, e obrigatoriamente invocado no início dos rituais públicos, cada orixá tem um Exu que lhe serve de “escravo”, de mensageiro particular, o qual fica assim também associado ao “filho” desse orixá .

Na umbanda o Exu conservou suas atribuições de mensageiro, de dono dos caminhos e do cemitério, mas incorporou novos sentidos, entre os quais o de sincretizar-se com o diabo cristão e entrar na hierarquia dos demônios bíblicos, da cabala. A partir dele se projetou seu duplo feminino, também diaba, também ligada à morte: a pomba-gira (provavelmente do banto *bombo-giro*). Mas, ressalvam os teóricos da umbanda, sendo ela mulher, sempre será mais perversa do que o seu homólogo masculino...

Há grande variedade, donde nomes diversos, de exus e de pombas-giras, associados a atributos diversos.

A pomba-gira possui vários poderes, entre os quais o de resolver problemas amorosos. Quando baixa no corpo de um fiel toma geralmente a forma de uma prostituta ou mulher da vida, usa roupas de cores vivas, fuma, bebe, solta estrepitante gargalhada. Mas existe uma pomba-gira que se sobressai entre as demais, geralmente não “encarna” como prostituta, tem capa e coroa, pois é considerada a rainha das pombas-giras. Ocupa alto posto na hierarquia infernal: é mulher de Lúcifer. É muito cultuada, temida e procurada por um número cada vez maior de fiéis que recorrem a seus poderes.

A rainha das pombas-giras é também a única a possuir um nome próprio, e esse nome é Maria Padilha: “Na família da Pomba-Gira/ Só se mete quem puder/ Ela e Maria Padilha/ São mulher de Lucifer”.



As pessoas que entrevistei sempre demonstram certa hesitação antes de responder, quando se trata da dona Padilha, como se tivessem medo de desagradar a essa entidade. São visões por vezes diferentes, mas todos concordam quanto à sua força, seus poderes, sua beleza, sua grandeza passada. Todos lhe atribuem origem nobre, é branca, linda, princesa espanhola, ou, como me disse um senhor, dono de um terreiro em São Paulo, “não é branca não, é princesa africana, mas quando baixa, é loura, esguia, linda de morrer [...]”. Ela fuma os melhores cigarros, bebe vermute, champanhe, ou anis. Oferecem-lhe rosas vermelhas. Pede, e recebe no dia que é o seu, que, em muitos lugares, é o dia dos mortos, belíssimas roupas, só usadas pelos médiuns em transe no dia de

sua festa. Ela encarna, resumindo todas as pombas-giras, a sedução feminina com toda sua carga transgressiva.

“Me deixe tão atrativa quanto você, Maria Padilha, mostre-me sua força. Me dê o poder de dominar e não ser dominada e me deixe tão atrativa quanto você, Maria Padilha”, reza uma oração à entidade.

Tanto quanto o marginalizado Exu, a pomba-gira vem sendo, repito, cada vez mais querida e procurada por consulentes aflitos. Estes pertencem a todas as camadas sociais; costumam ir à festa dela levando presentes para agradecerem os benefícios recebidos.

Ainda que essa grande procura da pomba-gira, em geral, da forte Padilha, em particular, possa se explicar pelo apelo aos seus dotes de feiticeira para resolver as agruras da vida e do coração, e, para quem a recebe em transe, como compensação às frustrações da pobreza cotidiana, não se poderia também ver nesse culto a atração pela perturbadora figura de sedução que a pomba-gira encarna? O que a levou à demonização pelos bem-pensantes, entre os quais, repita-se, incluem-se os teóricos umbandistas, que, ao equipará-la a Exu, insistem todavia sobre o seu lado negativo, porque é mulher? Atração pela liberdade do amor fora das normas que ela representa? Figura mítica do mundo invertido, a pomba-gira não só atende e pode permitir exprimir os amores fora da divisão costumeira dos sexos, como ainda deve seduzir tanto homens como mulheres pela sua atuação amorosa fora da domesticidade das normas. O “balanço” da norma. O “balanço” da encruza. “Mulher de sete maridos.” “Atrativa Maria Padilha, linda mulher, rainha do candomblé.” Feiticeira. Prostituta. O interdito. O dito tão lindamente por Guimarães Rosa: “Aquela linda moça, meretriz, vestida de vermelho, por lindo nome Nhorinhá... falada de ser filha de ciganos... Nhorinhá, prostituta, pimenta branca, boca cheirosa... Nhorinhá puta e bela, que casou com muitos e sempre nasceu em flor” (5).

Uma valorização da feminilidade no que tem de primordial, de força viva. Como que se quebra, nessa instância libertadora da relação entidade/consulente, o milenar e ar-

raigado preconceito, o medo da mulher, que os teólogos oficiais da umbanda ainda teimam em teorizar. Pomba-gira = luxúria = mal absoluto = Asmodeus = Demônio Mor, mais alto que Lúcifer: o DIABO.

Não se poderia ver nessa entidade como que a metamorfose, o avatar atualizado, contemporâneo, dentro da sociedade brasileira de hoje, daquelas feiticeiras dos tempos coloniais, tão concretamente ressuscitadas pelas pesquisas de Laura de Mello e Souza?

Acredito ser possível situar a pomba-gira numa linha que vem desde essa feiticeira colonial, a qual, ainda em Portugal, misturava milenares feitiços pagãos, bíblicos, cabalísticos, cristãos, reelaborados pelo cristianismo militante da Inquisição que, demonizando-a, “reinventou” a feiticeira, até as mandingas africanas, nas quais o islamismo também tinha a sua parte. Uma África deambulante, que circulava dentro do sistema colonial espanhol e português. Em Portugal, onde era muito grande a mão-de-obra escrava negra (e moura), trazida por funcionários, diretamente d’África ou do Brasil. Na Espanha, onde muitos negros já nasceram em Sevilha, mas haviam conservado o uso das danças da África das origens, ao mesmo tempo que, cristianizados, haviam fundado uma confraria consagrada a Nossa Senhora de los Angeles. No Brasil, para onde eram degredados, entre tantos outros, os escravos africanos da metrópole, condenados por feitiçaria, ao passo que aqueles condenados no Brasil pelo mesmo delito eram despachados, às vezes mal sabendo falar português, para serem julgados pelos tribunais do Santo Ofício em Portugal. E, sempre acompanhando as idas e vindas, a circulação dos feitiços, principalmente resumidos nas *bolsas de mandinga* (amuletos), de cuja confecção e comercialização esses escravos africanos eram especialistas, diz Laura de Mello e Souza. As mesmas bolsas, diz ela ainda, que eram também fabricadas por índios e mestiços no Grão-Pará (6).

Se supusermos que as feiticeiras brancas portuguesas possivelmente cruzaram seus homólogos africanos não só pelas ruas da metrópole, como talvez nos cárceres inquisitoriais, e sabendo que podiam passar

5 João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1956.

6 Laura de Mello e Souza, *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 194-201, 210-26, 273.

por Angola a caminho do degredo para a Terra de Santa Cruz, itinerários que também teriam permitido encontros com outros mirongueiros, os ciganos, igualmente perseguidos pela Inquisição, imagine-se o grau alucinante de trocas mágicas de todas essas vítimas do Poder único da Santa Madre, vítimas detentoras de altos poderes! E, nessas trocas, teria continuado a pairar, num fenômeno de longas e recônditas memórias, a lembrança da “hermosa Doña Maria de Padilla, *ojos negros, manos blancas*”, aqueles mesmos olhos de perdição que vamos reencontrar nas *gitanas* como Carmen, ou na feiticeira Antonia Maria. Sem esquecer “os olhos água-mel, com verdolências” de Maria da Luz, a mulher-dama do Verde-Alecrim, muito do gosto de Riobaldo. É como que um estereótipo que encarna a perigosa e enfeitiçadora sedução feminina e por isso mesmo demonizada, sedução e feitiço que continuam a encarnar as pombas-giras e sua mais elevada representação, a rainha de todos, a perigosa e sempre invocada Maria Padilha.

É nessa longa cadeia que se pode, me parece, situar a pomba-gira, simbolizada pela figura de Antonia Maria de Beja, Exu mensageira, ponte entre Europa e Recife, com um desvio por Angola.

E por que Maria Padilha?

Se todas as pombas-giras que parecem ter prolongado as feiticeiras coloniais têm características comuns, há uma, como vimos, que se destaca entre elas e as resume todas. É dona Padilha. Este nome, perpetuado no conjuro satânico, terá emergido de outras profundezas da imbricada memória da feiticeira matricial, fincado em raízes ibéricas. Remota lembrança das origens, quem sabe, o nome fixou-se, entre as entidades que a continuaram, naquela cuja preeminência permitiria associá-la à longínqua e ilustre homônima.

Não faltam, me parece, os indícios que permitam tal associação. A sua história: nobreza espanhola, amante de um rei, recorrendo, diz a lenda, à vingança e à ma-

gia para garantir sua posição. A sua beleza: “*ojos negros, manos blancas*”, a “hermosa” Doña Maria de Padilla ficou na lembrança dos poetas até três séculos após sua existência terrena. A sua demonização, já anunciada no *Romancero*: enfeitiçadora, metaforicamente, como todas as grandes mulheres sedutoras, e “concretamente”, pelo cinto de pedrarias que

se transforma em serpentes. Associada a Salomé e São João Batista. Este último, opositor de Asmodeus, associado às bruxarias.

Nessa permanência no imaginário que forjou a “lei” da umbanda/quimbanda e na preferência dos fiéis por ela e suas filhas talvez se poderia ver ainda, brincando com o Tempo, um tempo que insiste em ser teimosamente presente, como que uma reabilitação da vilipendiada Doña Maria de Padilla. A enfeitiçadora mulher que o medo e a inveja dos homens, concretizando a metáfora amorosa, metamorfosearam em feiticeira. Uma figura de subversão tão radical que, irmanada ao Príncipe das Trevas, não se lhe negou, nem no obscuro Reino, a mais alta posição. Expressão simbólica que remete também, hoje ainda, àquela vertente implícita no velho *Romancero*, de uma identificação com os excluídos da hierarquia oficial, que “choraram a formosa Padilla”, uma hierarquia onde não faltaram os homens de Igreja para quem beleza e paixão são banidos, coisa do Demônio.

Princesa espanhola cantada ou maldita em versos populares, invocação em conjuro “amatório”, Bari Crallisa convocada por Carmen, rainha das pombas-giras, todas essas figuras se chamam Maria Padilha. Fortes figuras da sedução feminina que falam àquelas zonas escuras, feitiço e desejo, que habitam homens e mulheres, obscuras e reprimidas forças atraídas pela radical subversão que se encarnou num nome. O eterno perfume da rosa encerrado num andarilho nome próprio.

